

MÚSICA ETC.



CHICO AMARAL

Email para esta coluna: cultura.em@uai.com.br

Escola

Na lista dos indicados brasileiros ao Grammy Latino deste ano estava Armandinho, com seu *Retocando o choro*. Em relação a seu nome, como de resto em relação aos demais, os que o indicaram tiveram sensibilidade. Armandinho é unanimidade entre os músicos brasileiros de qualquer quadrante. É mais um dos bons representantes da escola brasileira do bandolim. Uma escola que se sustenta sobre dois pilares, dois gênios do

instrumento e da música: o pernambucano Luperce Miranda e o carioca Jacob Pick Bittencourt, o Jacob do Bandolim.

Dizem os conhecedores, como o bandolinista Zezé Lopes, de Sete Lagoas, que Luperce era o técnico, virtuose imbatível, dono de “uma agilidade até agora não atingida por quem quer que seja”, palavras do próprio Jacob, e este seria o intérprete perfeito, “com uma execução bem acabada, repertório precioso e

“Armandinho é unanimidade entre os músicos brasileiros de qualquer quadrante”

extremo capricho em cada gravação”, no dizer de Henrique Cazes.

Jacob e Luperce transformaram o bandolim num instrumento absurdamente expressivo. Inspirada por eles, frutifica no Brasil uma escola “terrível”, com gente como Déo Rian, Joel Nascimento, Hamilton de Holanda, Armandinho – nitidamente “luperciano”, inclusive por influência de seu pai, Osmar Macedo, o inventor do trio elétrico, colega de Luperce Miranda –, e tantos outros.

Escutando Mano Brown

Vida Loka – Parte 2, música do disco *Chora agora/Ri depois*, dos Racionais, é crônica e cinema. Um longa-metragem de ritmo lento, onde as reflexões contraditórias de um personagem jorram incessantemente. Lembra *Terra em Transe*, na identificação visceral de questões pessoais com as questões do tempo. O personagem Mano Brown expõe sua consciência, boa ou má, com dramaticidade e poesia, como o poeta Paulo, personagem de Jardel Filho no filme de Glauber.

O personagem reflete sobre seu destino e de seus guerreiros de fé: são pretos, pobres (“há alguma contradição entre preto e dinheiro?”, pergunta) e não ignora que seus desejos estão determinados por regras às vezes contrárias à sua natureza. Como um poeta romântico, gostaria de recuperar “o saber inocente” (na expressão de Octavio Paz), sonhando com uma vida

simples e bucólica, onde não faltam crianças empinando pipas, árvores com frutas, cercas brancas, pés descalços etc., mas sabe, e os poetas românticos o sabiam, a que tempo pertence: “em São Paulo, deus é uma nota de cem – vida louca”. Os versos são simples e intensos, e nem sempre se preocupam com as flores do estilo.

Entre algo impossível, a presumível dignidade natural de cada ser, e algo inegável, a força avassaladora da corrupção materialista em nossa sociedade, os “guerreiros” seguem sua sina e agüentam o tranco. Não deixam de se apoiar nas forças espirituais incorruptíveis – a forma mais comum de resistência popular – tentando “firmar o nobre pacto entre o cosmo sangrento e a alma pura”, conforme os versos de Mário Faustino. E saúdam “o primeiro vida loka da história”, o personagem bíblico que “aos 45 do segundo arrependido/salvo e perdoado, é Dimas o bandido”.